

FESTA NO ESPORTE: A CONSTRUÇÃO DO ENTRETENIMENTO NO RODEIO

Jean Cléverson Moraes¹

Maringá, PR, Brasil

Silvana dos Santos²

Maringá, PR, Brasil

Giuliano Gomes de Assis Pimentel³

Maringá, PR, Brasil

RESUMO: O estudo descreveu o rodeio, buscando compreender a lógica interna de sua produção como oferta de lazer. Os dados foram obtidos por meio de observação participante no Rodeio de Colorado e entrevistas junto a animadores de rodeio. Os resultados estão apresentados em quatro camadas: (1) A produção globalizada dos circuitos de rodeios; (2) O impacto da festa de rodeio no cotidiano da cidade; (3) O modus operandi das competições; (4) a sinergia entre o espaço extra-muros do parque, a feira, o esporte, e os shows. Concluímos que, para unir entretenimento e esporte no rodeio, ocorre um processo de racionalização do espetáculo, fundado em um modo singular de diálogo com o público e da combinação de elementos arcaicos da cultura rural com tecnologias do entretenimento moderno.

Palavras-chave: Atividades de lazer. Gestão esportiva. Espetáculo esportivo.

PARTY IN SPORT: CONSTRUCTION OF ENTERTAINMENT IN RODEO

ABSTRACT: The study described rodeo and tries to understand the internal logic of its production as a leisure offer. Data were collected through participant observation at the Colorado Rodeo and interviews with rodeo hosts. Results are presented at four levels: (1) Global production of rodeo circuits; (2) The impact of the Rodeo Party on the city's daily life; (3) The modus operandi in competitions; (4) The synergy between extramural space of the park, the fair, sports, and concerts. We conclude that, in order to join entertainment and sport at the rodeo, a process of rationalization of spectacle takes place, founded on a unique way of communicating with the audience and combining archaic elements of rural culture with modern entertainment technologies.

Keywords: Leisure activities. Sports management. Sporting spectacle.

FIESTA EN EL DEPORTE: LA CONSTRUCCIÓN DEL ENTRETENIMIENTO EN EL RODEO

RESUMEN: El estudio describió el rodeo, buscando comprender la lógica interna de su producción como oferta de ocio. Los datos fueron obtenidos a través de observación participativa en el Rodeo

1 Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física. Email: jeancleverson@yahoo.com.br

2 Grupo de Estudos do Lazer (GEL/UEM). Email: silsantos2611@outlook.com

3 Grupo de Estudos do Lazer (GEL/UEM), Programa Associado UEM/UEL de Pós-graduação em Educação Física. Email: ggapimentel@uem.br

de Colorado y de entrevistas junto a animadores de rodeo. Los resultados se presentan en cuatro capas: (1) La producción globalizada de los circuitos de rodeos; (2) El impacto de la fiesta de rodeo en el cotidiano de la ciudad; (3) El *modus operandi* de las competiciones; (4) La sinergia entre el espacio extramuros del parque, la feria, el deporte y los shows. Concluimos que para unir entretenimiento y deporte en el rodeo, ocurre un proceso de racionalización del espectáculo, fundado en un modo singular de diálogo con el público y combinación de elementos arcaicos de la cultura rural com tecnologías del entretenimiento moderno.

Palabras-clave: Actividades de ocio. Gestión deportiva. Espectáculo deportivo.

Introdução

Em termos de prática efetiva, o rodeio é predominantemente vivenciado como esporte de competição. Todavia, é um dos esportes mais ligados ao entretenimento (SERRA, 2000; PIMENTEL, 2006), pois costuma ocorrer no conjunto de uma série de atrações pertinentes às festas de peão, que, por sua vez, nascem e se desenvolvem associadas às festas das cidades ou exposições agropecuárias.

Neste sentido, pode-se deduzir que o rodeio não se organiza como um esporte convencional, o que, de certa forma, levanta algumas lacunas a respeito da construção deste evento e de sua ocupação espacial. A configuração do rodeio é possivelmente eclética, distribuindo diferentes opções de lazer num único espaço-tempo. Por isso, o presente artigo defende a tese de que o rodeio contemporâneo é fruto de relações entre esporte, festa, entretenimento e animação cultural.

Para tanto, buscamos compreender como se manifesta – no rodeio – a sinergia entre esporte e lazer, uma relação existente num único contexto, mas que se estrutura em diferentes círculos (rodeio, festa, parque, feira...).

Metodologicamente foi realizada pesquisa descritiva em três edições anuais da Festa de Rodeio de Colorado. Houve combinação de diferentes técnicas (diário de campo, entrevistas, registros fotográficos, filmagens, coleta de documentos). Para o presente recorte, foram priorizados dados da observação participante.

A partir do material coletado, os resultados estão apresentados em quatro camadas: (1) a produção globalizada dos circuitos de rodeios; (2) o impacto da festa de rodeio no contexto de uma cidade; (3) a lógica interna das competições; (4) a sinergia espacial entre festa-esporte no rodeio.

Entendendo os circuitos de rodeios

No Brasil, as festas de rodeio ocorrem simultaneamente às festas de peão/exposições rurais, ajudando a constituir um circuito. Por isso, em muitos casos, embora singular, a festa de Colorado é apenas mais uma etapa no circuito de alguma empresa.

Vale ressaltar que as regras para as competições de rodeio se diferem entre os campeonatos: Circuito Nacional de Rodeio Completo, *Top Team Cup*; PBR; Brahma Super Bull PBR; Copa Brahma Barretos; Circuito RR de Rodeios.

Dentre os campeonatos mencionados anteriormente, o *Top Team Cup* é considerado o mais importante campeonato de rodeio do país, reúne numa única esfera os melhores competidores da atualidade e os mais destacados animais e profissionais das arenas brasileiras. O circuito é patrocinado pela Cerveja Crystal, abrange etapas espalhadas por várias cidades brasileiras, e distribui uma premiação de R\$ 1 milhão de reais aos campeões no final do circuito. As disputas são nas modalidades montaria em touros, montaria em cavalos nos estilos *bare back* e Sela Americana, além da prova dos três tambores.

O *Top Team Cup* tem como principal objetivo a evolução do esporte rodeio, assim como a valorização de todos os competidores, animais e profissionais ligados ao circuito. É o primeiro a premiar os melhores de cada modalidade, em cada etapa realizada, acumulando pontos para definição dos vencedores do campeonato. O campeão recebe R\$ 600 mil reais e os outros R\$ 400 mil reais são distribuídos entre campeã da prova de três tambores feminina, os vencedores de outras duas categorias do *Top Team Cup* e os animais (bois e cavalos) que se destacam nas competições.

No Brasil a PBR deslocou a montaria em touro, ou *bull riding*, do formato do rodeio tradicional, tornando-a uma atração singular. A modalidade representa um esporte de adrenalina e competição entre os melhores atletas e os touros mais difíceis do Brasil, realizada em várias arenas do país. A PBR é a responsável por organizar os melhores torneios profissionais pelo Brasil e em outros países, incluindo o campeonato mundial.

Esses campeonatos são realizados nos cinco países com maior tradição para a montaria: EUA, Canadá, Brasil, México e Austrália. Neles estão instalados também os escritórios da PBR. Ao todo, são mais de 400 eventos espalhados pelo globo exibidos em mais de 700 horas pelas redes de TV internacionais – cerca de 450 horas de transmissão, também com altas premiações. As premiações ultrapassam a casa dos R\$ 7 milhões, número alto para uma modalidade esportiva fora do circuito do futebol. Atualmente os dois principais campeonatos realizados no Brasil promovidos pela PBR são a Brahma Super Bull e Copa Brahma Barretos.

A Brahma Super Bull é o maior campeonato de montaria em touros do país, sua premiação individual passa de um milhão de reais e dá chance para o competidor ir para o mundial, oportunizando disputar a final do rodeio mundial em Las Vegas, EUA.

Já a Copa Brahma Barretos oportuniza os atletas participarem do campeonato da PBR Brasil e sua festa ocorre durante a Festa de Peão de Barretos.

Os promotores dos circuitos frequentam os eventos dos “concorrentes”, o que foi uma oportunidade para contactar, em Colorado, com diferentes produtores da Indústria cultural dos rodeios. O conhecimento desses diferentes circuitos no cenário nacional é ilustrativo para situar como a experiência singular de Colorado é articulada ao que denominamos de Indústria cultural de rodeios. Neste caso, ainda que cada cidade do circuito tenha suas particularidades, também há uma tendência a se estabelecerem certos padrões ou normalizações. Frente à observação-piloto de festas de rodeio em Londrina, Sabáudia e Primeiro de Maio, traçamos em seguida algumas regularidades.

Em cada rodeio acontece uma competição de montaria em touros e cavalos ou somente em touros, que confere ao peão que conseguir a maior pontuação o título de

campeão. Os peões mais prestigiados são aqueles que conseguem ao longo de sua carreira acumular mais títulos e prêmios.

Forma-se uma comissão organizadora responsável pelo evento compondo-se do presidente da festa e sua equipe. Em todo rodeio, existe um diretor cuja presença é referência no evento. Em seguida estipula-se uma data para realização do evento, local e horário. Esta comissão tem por função dividir os trabalhos entre o grupo, gerando responsabilidades e o compromisso em fazer o evento acontecer.

É função da comissão organizadora do rodeio o contato direto com empresários e profissionais especializados no segmento. Através destes, são contratados os tropeiros (donos da boiada), uma média de quatro a cinco companhias de rodeio, os *shows*, equipamento de som e luz, palco (caso o local não o tenha), estruturas metálicas para eventos não fixos, arquibancadas, camarotes, juiz, locutor, palhaço, salva-vidas e equipe de segurança.

Rodeio de Colorado: um segmento do Estado do Paraná

Diante da diversidade cultural encontrada nos circuitos de rodeio, iremos nos ater à cidade de Colorado, dando ênfase aos espaços utilizados e quais apropriações são decorrentes destes espaços na realização de eventos esportivos que envolvem homens e animais.

O Município de Colorado se destaca no Estado do Paraná por estar centralizado no polo agropecuário mais rico do país. Contando aproximadamente com uma população de 23.402 habitantes, localizando-se a 22° 50' de latitude Sul e 51° 53' de longitude Oeste a 380 metros de altitude, sedia uma das maiores usinas de açúcar e álcool do sul do Brasil, sendo grande geradora de empregos para a região (IBGE, 2003).

Dentre as festividades recorrentes na cidade, pode-se destacar a Festa do Peão de Boiadeiro de Colorado, considerada a maior do Paraná, dando à cidade o título de Capital do Rodeio do Paraná.

As festas de rodeio na cidade são realizadas pela Sociedade Rural de Colorado, antiga Associação dos Agropecuaristas de Colorado, fundada em 1973, com a participação de vinte e sete membros. Em 1974, os associados deram início à primeira festa, de modo a inserir-se no calendário de eventos culturais do estado, com grande afluxo de público da região.

Comercialmente, o rodeio de Colorado é um forte canal de comunicação, capaz de veicular mensagens sem contatos pessoais atingindo diretamente o público, uma vez que as mensagens se dão desde o estacionamento até o interior da arena, que está envolta de mensagens publicitárias e comunicação mercadológica, as bebidas comercializadas na festa são exemplos da própria divulgação da marca patrocinadora do evento.

Assim, embora a festa seja um evento que se repete anualmente, os preparativos para ela envolvem muitos meses de trabalho. Não é possível gratuidade ou mutirão, marcas das festas na ruralidade arcaica, pois envolve despesas e contratações, sendo investido um valor muito alto para que ocorra o evento.

Por outro lado, se o rodeio de Colorado é um evento que é moderno como empreendimento, mas tradicional na sua gestão, isso se deve ao fato de os integrantes da comissão organizadora terem idade superior a 60 anos, e no ano de 2014 completando 40 anos de rodeio, sendo o diretor de rodeio Marcelo Shichieri, 24 anos de idade, filho do presidente e neto do fundador. A gestão é modernizada tecnologicamente, mas o *ethos* busca as tradições. É importante destacar que no mercado novas festas de rodeio surgem. Por isso, inferimos que o gestor de Colorado deve situar o *status* de sua festa sobre a dos concorrentes.

Das festas às provas do rodeio

Para a realização de uma festa de rodeio, como em qualquer evento que atrai uma grande quantia de público, as movimentações em torno do cenário, equipamento de som, luzes, câmeras, telões, computadores, conferência das estruturas, bretes⁴, arena são constantes, tudo é conferido e montado com antecedência para que o espetáculo inicie-se no horário estipulado.

Os caminhões das companhias de rodeio, ao chegarem ao local estipulado para a competição, desembarcam seus animais no fundo dos bretes, e passam por exames com veterinários, no intuito de identificar possíveis lesões ou ferimentos que possam comprometer a integridade física dos animais. Caso ocorra a identificação de algum agravante é vetada a participação do animal. Desse modo, os tropeiros sempre levam animais reservas para caso ocorra algum imprevisto que impeça a participação da companhia nas montarias.

Durante os últimos preparativos, o ambiente é tomado por músicas sertanejas completando o evento e preparando a plateia para o início do espetáculo. Os sonoplastas ou *DJs* ajustam e regulam os microfones de acordo com a voz dos locutores. Neste instante, a arena é preenchida com música ambiente do estilo sertanejo característica do interior, preparando o público inconscientemente para o clima de rodeio. Para se modernizar, os produtores do rodeio tiveram que investir na gestão dos riscos, para não escandalizar parcela do público com a violência da investida dos animais sobre os peões (ALEM, 1996). Em consequência, uma vez o risco real controlado, cabe aos locutores manter um clima de exaltação com o risco imaginado.

O enfoque recente dos locutores passou a ser proporcionar uma experiência de exaltação em massa. Em consequência das mudanças advindas no modo de produção do espetáculo, os animadores passaram a buscar mais recursos nas tecnologias. Com destaque para a figura do locutor, os animadores mediam o consumo do esporte na forma espetáculo, sendo as principais atividades informar, direcionar a atenção, incitar emoções na fruição das performances dos atletas e entreter o público com interatividade.

A arena é previamente preparada com fogos de artifício, luzes e foguetes, de forma que se torne um atrativo na abertura solene do evento, causando um efeito visual muito atrativo para o espectador.

As luzes são apagadas e acendidas em sequência, promovendo um efeito de suspense ao mesmo tempo em que causa expectativa no público. Ao soar a vinheta de

4 Espécie de box onde o touro e o cavalo ficam antes de sair para a arena.

entrada do locutor é acionado o comando de início do *show* pirotécnico no centro da arena, em meio às boas-vindas do locutor a todos os presentes no recinto. O locutor tem a missão de transmitir em palavras as emoções do rodeio e animar a plateia com versos e rimas que envolvem o folclore e a cultura do povo do interior, iniciando a abertura oficial da festa. Torna-se comum ao locutor articular frases fortes que inspiram e mexem com a emoção de quem está presente.

Após os fogos, os cavaleiros e amazonas entram na arena montados a cavalo, levando consigo bandeiras do estado e da cidade que sediam a festa, e a bandeira do Brasil e das federações ligadas ao esporte, e desenvolvem coreografias com os animais dentro da arena. Os cavaleiros e amazonas posicionam-se ao centro da arena um ao lado do outro, para prestigiarem a entrada da comissão organizadora, autoridades políticas, juízes, peões, salva-vidas, tropeiros, outros locutores que farão sua participação na arena e comentarista ao centro da arena.

Após a entrada de todos os convidados pelo locutor, ritualisticamente, todos retiram o chapéu e aguardam o Hino Nacional Brasileiro. Este momento é seguido ainda com o hino de outros países, quando há participantes estrangeiros. Após o hino, o locutor inicia a oração ao som da música Ave Maria, neste momento, entra um cavaleiro trazendo a imagem desta santa, considerada a padroeira do rodeio e também São Sebastião do rodeio, que acreditam ser o protetor dos cavaleiros.

Encerrando o ritual de abertura, dá-se início às montarias. Permanecem dentro da arena os porteneiros (responsáveis por abrir a porteira ao sinal do peão); o juiz de brete (autoridade máxima dentro da arena), que pode desclassificar o peão e o animal caso as regras sejam burladas; os salva-vidas, podendo variar em dois ou três; o locutor; o auxiliar do locutor; o juiz que avalia as montarias; e o palhaço animador de pista.

Ao sinal dado pelo peão, os porteneiros abrem as porteiras de maneira ágil. O cronômetro é acionado no momento em que o animal ultrapassa a linha demarcada na porteira. A partir desse momento o peão deve permanecer no mínimo oito segundos em cima do animal em que está montado. Essas provas ocorrem em duas categorias: 1) montarias em cavalo; 2) montarias em touros.

Nas montarias em cavalos utiliza-se o sedém, uma corda feita de crina de cavalo ou lã que deverá ser amarrada na virilha do animal, provocando incômodo; conseqüentemente irá fazer com que o animal pule com mais ferocidade.

Dentre as provas de rodeio em cavalos temos: 1) Sela America ou *saddle bronc*; 2) *bare back*; 3) Cutiano; 4) Três Tambores.

A prova dos três tambores é a única prova feminina do rodeio e tem por finalidade contornar três tambores dispostos de forma triangular no menor tempo possível. A prova conta com um sistema totalmente eletrônico. Caso venha a derrubar algum tambor, haverá penalização em cinco segundos por tambor derrubado. É uma prova de precisão, na qual os tambores são colocados numa distância mínima de 4 m um do outro, sendo cronometrado o tempo de percurso entre as linhas de partida e de chegada.

Ao iniciar a prova ultrapassando o sensor marcador do tempo, a participante deve direcionar-se em linha reta ao primeiro tambor, contornando-o em uma manobra de

360 graus seguindo para o segundo e terceiro tambor respectivamente, ao finalizar as manobras, deve retornar a linha de chegada o mais rápido possível. Será desclassificado o cavalo que ultrapassar a linha de chegada com qualquer parte do corpo pelo lado externo do sensor de partida.

Para dar uniformidade à prova, a competidora, com seus equipamentos, deverá pesar no mínimo 65 kg. Caso isso não ocorra, há necessidade de complemento que é feito através de colocação de pesos até atingir esse peso. A pesagem deve ser realizada tanto nas classificatórias como nas semifinais e finais, após a competidora ter se apresentado.

O padrão oficial determina que o tamanho da arena para a prova de três tambores seja de 45 por 90 metros. Os Tambores devem ser de ferro, de 200 litros cada, fechados nas duas extremidades e protegidos por borracha de pneus na parte superior. Deverão ser pintados em cor contrastante com o cercado da arena.

É necessário que toda pista da prova de três tambores tenha uma área de aquecimento com solo de terra. Caso não seja possível, o aquecimento será feito pelas competidoras na pista de rodeio, com tempo de cinco minutos, sem que o animal faça o percurso. Caso este item não seja cumprido, o juiz desclassifica a competidora.

Estando a pista liberada, a competidora terá 60 segundos para entrar e dar início à prova. Caso a competidora venha a cair do animal, haja falha do equipamento da amazona ou erro do percurso, será imediatamente desclassificada.

A prova denominada seis balizas consiste em colocar o animal como um esquiador em seus esquis; este evento contra o cronômetro testa a agilidade e velocidade do cavalo.

O percurso consiste em uma série de seis balizas distantes 6,50 m uma das outras, as quais o cavalo e cavaleiro vão intercalando (costurando) em alta velocidade. O cavalo corre até o final delas, vira na última e retorna intercalando para fora e para dentro, trabalhando no caminho de volta para a primeira baliza. Então, ele faz o contorno na baliza da frente e volta novamente intercalando as balizas até atingir a última. Neste ponto, ele completa o giro e volta em linha reta paralela à fila das balizas em direção à linha de chegada o mais velozmente possível. Será adicionada uma penalidade de cinco segundos para cada baliza que for derrubada.

Ainda faz parte das provas de montaria o *bulldog*. Esta modalidade é considerada a mais radical do rodeio cronometrado. É praticada por dois competidores que têm como objetivo virar e derrubar no chão um garrote no menor tempo possível.

A corda que delimita a ação do competidor, denominada de barreira, tem que ser “rompida” pelo boi. Caso seja pelo animal do competidor ele será penalizado em dez segundos. É uma prova de técnica, velocidade e precisão. Dois cavaleiros partem atrás de um boi. Quem fica à direita faz o trabalho de esteira, cercado o boi e não deixando que ele se distancie muito, uma forma de garantir que ele não fuja da esquerda. O outro cavaleiro posiciona-se ao lado oposto, e tem a função de saltar do cavalo em movimento em cima da cabeça do boi, usando as mãos para agarrar os chifres do animal e virá-lo para derrubá-lo ao chão. Vence quem fizer o trabalho no menor tempo. O cavaleiro pode ser desclassificado da prova caso desça do lado oposto do boi, quando derrubado e ao cair ao lado contrário ao do cavaleiro.

A montaria laço em duplas, conhecida como *team roping*, se popularizou e criou suas raízes nas fazendas de gado norte-americanas, mas não como um esporte, e sim como uma tarefa da lida diária no campo dos *cowboys*, de forma a facilitar os seus trabalhos. Cada competidor tem sua função definida. Primeiro, o cabeceiro se preocupa em laçar os chifres ou pescoço do boi, depois entra a função do pezeiro, que tem como função laçar os pés do animal.

O *team roping*, como é chamado nos Estados Unidos, é a única modalidade do rodeio completo praticado em equipe, e faz parte das provas chamadas Funcionais ou Cronometradas por ser contado o menor tempo em que os competidores realizam os trabalhos. A prova exige grande cooperação e controle do tempo entre os dois competidores, um para laçar a cabeça (o cabeceiro), e o outro para laçar os pés do garrote (o pezeiro). A prova é composta de classificatória e final.

O laço de bezerro, modalidade conhecida pelo nome *calf roping*, originou-se da lida dos ranchos e é utilizado ainda hoje em todo o mundo. O laço de bezerro também é uma prova com características de velocidade e precisão. Nela o laçador tem a tarefa de laçar um bezerro de aproximadamente 40 dias e 120 kg. A prova inicia no brete quando o bezerro rompe a barreira (corda) e é perseguido pelo laçador, este maneando (girando) o laço e com outra corda (peia) presa na boca, joga o laço na cabeça do bezerro, desce do cavalo e, segurando-o pelas patas, joga-o no chão amarrando três das quatro patas juntas.

Enquanto isso, o cavaleiro puxa a corda, o suficiente para não deixar nenhuma folga, mas também não forte demais a ponto de arrastar o bezerro. Amarrado o bezerro, o cavaleiro levanta as duas mãos indicando a finalização do trabalho. Enquanto o competidor não laçar o bezerro ou não levantar as duas mãos, o tempo está sendo computado. Vence quem completar a prova no menor tempo e sem penalização.

O estilo montaria *bare back* é um estilo tipicamente norte-americano, no qual é utilizada uma pequena sela (um assento de couro) adaptada a uma alça de 30 cm de espessura, posicionada na cernelha (entre a crina e dorso do cavalo). O peão deve segurar a alça com uma das mãos deixando a outra livre e elevada. Não há estribo para apoio dos pés, sendo que, no primeiro pulo do animal, o peão posiciona as pernas de modo que as esporas toquem acima da quebra da paleta do animal.

Em seguida as esporas devem ser puxadas no sentido da alça do *bare back*, próximo à mão. Durante a montaria o peão fica na posição horizontal tocando as costas na anca do cavalo. O tempo mínimo desta prova é de oito segundos em cima do animal para que se possa obter alguma pontuação; caso não permaneça este tempo o competidor não recebe nota. A mão de equilíbrio que está livre deve permanecer com a manga da camisa abotoada na altura do punho.

A modalidade Sela Americana, também conhecida por *saddle bronc*, é o estilo de montaria em cavalos mais tradicional do rodeio mundial, começou em meados da segunda metade do século XIX nos Estados Unidos. Nesta modalidade o cavalo é arreado com sela, sem pito e sem o uso de baixeiro (capa feita em tecido grosso, colocada entre a sela e o lombo do animal).

O cavaleiro segura com uma das mãos uma corda com aproximadamente 1,20 m que está ligada ao cabresto e apoia os pés no estribo. A outra mão, chamada mão de equilíbrio, deve estar posicionada para o alto, não podendo tocar em nada.

No primeiro pulo o competidor posiciona as esporas, sem pontas, entre a paleta e o pescoço do animal; no segundo pulo tem que puxar as esporas, seguindo uma angulação que sai da paleta, passa pela barriga e chega ao final da sela, na parte traseira do cavalo. O tempo da prova é de oito segundos e o atleta deve ter as duas mangas da camisa abotoadas no punho, caso contrário, perde pontos.

O equipamento utilizado para esta modalidade é conhecido como corda americana com polacos (sinos) e dotada de uma alça para uma das mãos segurar. Esta mesma mão é envolvida pela corda por sua extremidade mais fina, onde o peão faz o ajuste para ter mais firmeza.

Os juízes levam em consideração na avaliação de uma montaria o grau de dificuldade que o animal impõe ao competidor. Quanto maior, melhor a nota, desde que demonstre total domínio sobre ele e suporte o tempo regulamentar de oito segundos. A nota varia de 0 a 100 pontos.

Já a modalidade Cutiano é um estilo de montaria em cavalo praticado apenas no Brasil. Iniciou-se oficialmente em Barretos, no ano de 1956. No decorrer do tempo, as regras foram sofrendo alterações. O competidor segura a rédea com apenas uma das mãos, sendo que a outra não pode tocar em nada, como na montaria em touros. A espora tem que ser “puxada” do pescoço para a alça do arreio na frequência do pulo do animal. Quanto mais alto, melhor a nota. O tempo regulamentar também é de oito segundos e a variação da nota de 0 a 100 pontos.

A modalidade *team penning*, popularmente chamada de prova da família, é uma modalidade de apartação muito comum na rotina das fazendas. Consiste em separar três bovinos numerados de um rebanho de trinta, sendo dez grupos de três bois numerados. O tempo começa a ser contado quando o focinho do primeiro cavalo cruzar a linha de partida e termina com os três no curral. Um dos três bovinos que foi apartado do rebanho deve ser conduzido para um pequeno curral (*pen*) do lado oposto da arena. Os competidores devem separar o gado designado a eles, sendo os três bois com o mesmo número. É disputada por um trio (normalmente formado por familiares/amigos) que tem a função de tirar do lote os três animais cujo número foi sorteado na hora. Entre o curral, bem próximo a ele, no sentido dos animais, há uma linha imaginária (linha de arbitragem). Caso ultrapasse mais de quatro animais após essa linha, será considerado estouro de boiada e por consequência sem aproveitamento técnico (SAT). É uma prova de fácil entendimento e dura no máximo 60 segundos.

Em relação às montarias em touros, existe apenas um estilo, denominado *bull riding*. Foi introduzida em Barretos em 1983, alavancando a dimensão de espetáculo dos rodeios (NOGUEIRA, 1989). Segundo Alem (1996), o rodeio em touros marca a transição da festa de peão de um evento quase folclórico a um *show*. Essa modalidade ganhou interesse do público, ainda que no início parte fosse ao rodeio só para ver as quedas. Desde então o *bull riding* foi se tornando a modalidade mais presente nos rodeios, não obstante haver reações contrárias de peões e produtores de rodeio (particularmente no Rio Grande do Sul).

Nesta modalidade o competidor só pode usar uma mão para ficar em cima do touro durante o tempo de oito segundos exigidos pelo regulamento. O peão tem que manter-se oito segundos sobre o lombo do animal para poder pontuar, assim como nos estilos em cavalos, sendo a nota de acordo com a dificuldade da montaria, associada à técnica e estilo desempenhado pelo peão. Porém, se o touro não promover um desempenho favorável, o peão terá direito a escolha de outro animal.

Em ambas as categorias é necessária a permanência mínima de oito segundos sobre o animal, para que os peões possam receber a nota, caso contrário, não serão avaliados. As principais regras das montarias são transmitidas em um telão ou pelo comentarista.

Para cada competição existe uma premiação definida, variando em dinheiro, motos, carros e camionetes. A classificação final apresenta-se de forma distinta entre os campeonatos, alguns promovem premiações aos cinco primeiros colocados, enquanto outros classificam até o décimo colocado. Do mesmo modo, alguns campeonatos promovem premiações destinadas aos animais, independentemente de haver queda ou não do peão.

Explorando o espaço da festa: do estacionamento ao rodeio

O espaço da arena, onde o rodeio ocorre, está em conexão com o conjunto arquitetônico do Parque de Exposições de Colorado. A sua organização espacial apresenta os seguintes ambientes, conforme a imagem abaixo: 1. Estacionamento; 2. Barracas de alimentação; 3. Camarotes; 4. Arena; 5. Camarim; 6. Currais; 7. Palco; 8. Parque de diversões; 9. Estandes; 10. Tenda de shows.

Imagem 1 - Composição dos espaços da festa de peão



Estes espaços, comparados à tipificação de Magnani aos pontos de sociabilidade urbana, podem ser classificados como “manchas de lazer” (MAGNANI, 1993, p. 10). Mancha é uma “área contígua ao espaço urbano, dotada de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando”. Não são apenas espaços físicos, mas lugares que os usuários dotam de sentido/significado, pois, como lembra Magnani (1993, p. 9), “a apropriação é exercida pelo componente espacial”.

Os estacionamentos são locais de livre acesso ao público, tornando-se um ponto de encontro automotivo, favorecido pela hibridação entre culturas (rural e urbano) num misto de influências sertanejo-*country*, identificáveis pelas músicas, vestimentas e gestualidades. Numa conjuntura entre o livre e o proibido, o local torna-se propício ao entretenimento com variações de atividades voltadas ao âmbito do lazer, como a dança, consumo de bebidas, abordagens dos rapazes sobre as moças num cortejo nem sempre elegante, a exemplo de laçá-las, entre outros meios de diversão convencionais ou desviantes e que caracteristicamente são realizados antecedendo o rodeio.

Não muito distante das trocas culturais dos estacionamentos, as barracas de alimentação também se apresentam com variações culturais encontradas em restaurantes com pratos típicos (arroz carreteiro, feijão tropeiro acompanhado de churrasco), também compreende a gastronomia o consumo de batata frita, crepes, espetinho, lanches variados e bebidas tanto alcoólicas como refrigerantes.

Por outro lado, o espaço que envolve a gastronomia está imerso no interior do recinto do rodeio, contraditoriamente ao estacionamento, que se apresenta na ala externa, porém, promovendo nuances que antecedem a festa.

Em relação aos espaços de circulação na festa do rodeio é possível identificar diferentes códigos em cada setor. A arena do rodeio é apenas o mais denso núcleo de uma série de nichos que a circundam. Cada ambiente não é neutro. Como lembra Magnani (1993), o território funciona como ponto de referência. Ela não somente é grupal, como, para Gomes (2007), também reflete a possibilidade de autoprodução da identidade.

Com a fluidez da sociedade de consumo, na qual os espaços de lazer e consumo se confundem, cada espaço marca um tipo efêmero de produção de si (GOMES, 2007). Vimos, nestas festas e eventos, visitantes que não fazem parte do cotidiano cultural rural mas se estilizam com trajes *country*, naquilo que Alem (1996) vai entender como forma de adaptação ao contexto e, também, forma de distinção social, uma vez que vestir-se com o *kit* da neorruralidade exige capital econômico e cultural. Essa fruição do “estar junto” também remete às formas contemporâneas de sociabilidade, quando tais visitantes imergem neste convívio mesmo que seja temporário e até mesmo contraditório.

Logo, o lugar onde se consome é parte da produção de si. A diferenciação de *status* político/financeiro pode ser observada no acesso aos camarotes. Aparentemente, o entretenimento, que é um mercado de massas, igualaria a todos, pois se assiste ao mesmo espetáculo. Mas o espaço da arena pode ser fragmentado em nichos de mercado, para elevar o *status* e o conforto dos frequentadores dos camarotes. Esse local é designado como “área VIP”, um espaço restrito e de alto custo, com bebida e alimentação incluídas no pacote.

No que condiz à arena, esse espaço é múltiplo, propiciador de elementos que se diferem, mas que se complementam ao que se denomina *show*. A fragmentação da arena se faz pela arquibancada, palco, camarotes e o local de realização dos rodeios (montarias em touro ou provas equinas). As arquibancadas são utilizadas tanto nos grandes shows musicais como no momento do rodeio. O palco tem dupla função, durante o *show* expõe os cantores renomados, e nas montarias é cenário para o discurso das autoridades convidadas, comentaristas, equipe de projeção de telão (quando o evento se faz com uso de tecnologias) e da equipe técnica.

Em torno da arena encontram-se opções de lazer, como o parque de diversões, os estandes com fins comerciais e as tendas de *shows*. O parque de diversões é direcionado à família, embora predomine o público infantojuvenil. De um lado há brinquedos de grande porte, produtores de vertigem. Mas também se encontram atrações dirigidas à obtenção de prêmios, por meio da sorte ou da competência. Já os estandes, embora apresentem conhecimento sobre a diversidade de produtos agropecuários, são espaços para vendas e contatos comerciais. Em complemento, as tendas oferecem atrações musicais secundárias, favorecendo a sociabilidade, a dança e o consumo de álcool.

Por fim, em relação ao uso dos espaços pelos usuários, não há como negar que, conforme Magnani (1993), o território é claramente delimitado. Em Colorado, podem ser vistos os diferentes “círculos” de acesso, começando pela dicotomia entre o dentro e o fora do parque até as oposições espaciais também excludentes entre quem está na arena ou fora dela, ou na arquibancada *versus* camarote. Todavia, a apropriação exercida seja em qual for o espaço, ainda assim, manterá uma base mais ampla que possibilite a circulação de pessoas oriundas de várias procedências.

Do mesmo modo, o espaço atribuído ao rodeio dialoga com o equipamento mais amplo (feira), gerador de fluxos diversos. É na feira que se dá a transição dos espaços (barracas, parque de diversões, setor gastronômico, entre outros), ao mesmo tempo em que atua na facilitação/restrrição da troca cultural e ambígua entre os frequentadores das festas de rodeio.

Considerações finais

Neste estudo descrevemos a produção do rodeio, em sua sinergia entre esporte, festa e feira. A formalização do rodeio em esporte é recente no Brasil. Ele é composto por um conjunto de provas, nas quais são propostos desafios relativos a montaria, corrida ou derrubada. A prova mais jovem e perigosa é também a mais popular: a montaria em touros. Ser organizado internamente como esporte contribuiu para globalizar a prática. Com regras universais, os peões puderam treinar como atletas. Eles alcançaram profissionalização e especialização, o que contribui para produzirem recordes, o que é coerente com o esporte moderno, mas, sobretudo, com a lógica do espetáculo. Afinal, conforme os dados nos permitiram inferir, o rodeio é uma prática social mais vinculada ao espetáculo.

Por isso, na produção do rodeio, a dimensão da competição entre quem é o melhor atleta é menos importante para o público do que a fruição da emoção do enfrentamento

homem/animal. Logo, a estrutura do rodeio como esporte é mais coerente para regular a postura do peão e da competição, bem como eliminar as ambiguidades no julgamento.

De fato, tanto na intencionalidade dos produtores como ao olhar do público o esporte é apenas um meio de racionalização da prática, visando à gestão dos riscos sem perda da emoção que o espetáculo promove. Como parcela desse público não é praticante recreativa de rodeio, a intervenção do animador é fundamental para mediar o entendimento da prática.

Em consequência da ampliação do público, houve mudanças no modo de produção do espetáculo, quando os animadores passaram a buscar mais recursos nas tecnologias e na gestão dos riscos. Com destaque para a figura do locutor, os animadores medeiam o consumo do esporte na forma espetáculo, sendo as principais atividades informar, direcionar a atenção, incitar emoções na fruição das performances dos atletas e entreter o público com interatividade. Para tanto, a animação de rodeio tem um modo de fazer singular de diálogo com o público, valendo-se da combinação de elementos arcaicos da cultura rural com tecnologias do entretenimento moderno.

As festas de peão se constituem como oferta de lazer e propiciam quatro esferas de sociabilidade: 1) o espaço extramuros do parque; 2) a feira; 3) o esporte; 4) os *shows*. Ainda que cada uma dessas esferas tenha seu lugar próprio, conforme verificado na distribuição espacial, esses círculos são concêntricos e produzem sinergia. Consideramos ainda que o rodeio é, de fato, uma manifestação híbrida, uma vez que funciona integrado a um conjunto de práticas, como exposições, feiras, *shows* musicais e festas.

Essa multiplicidade torna o rodeio uma experiência singular, na qual esporte, entretenimento e festa interagem dinamicamente, bem como podem ser vistos elementos arcaicos da ruralidade serem difundidos por meio de um processo racional e moderno de espetacularização. Enfim, o rodeio é uma prática tão antiga (como folguedo) quanto recente (enquanto, de fato, um esporte espetacular) e sua compreensão hodierna passa pela contextualização de um conjunto de elementos que se iniciam pelo caos da sociabilidade festiva extramuros até a produção de recordes esportivos dentro de uma arena.

Referências

ALEM, J. M. **Caipira e country**: a nova ruralidade brasileira. São Paulo, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais, USP, 1996.

GOMES, R. A. Os lazeres e as práticas culturais. In: _____ (Org.). **Olhares sobre o lazer**. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos, p. 11-13, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Sistema de contas nacionais. Brasília: IBGE, 2003.

MAGNANI, J. G. A rua e a evolução da sociabilidade. **Cadernos de História de São Paulo**, n.2, jan/dez, Museu Paulista – USP, 1993.

NOGUEIRA, N. **Festa do Peão de boiadeiro** – onde o Brasil se encontra. São Paulo: Ícone, 1989.

PIMENTEL, G. G. A. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 91 – 104, set, 2006.

SERRA, R. A. de A. **Rodeio: uma paixão**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

Endereço para correspondência

GEL/DEF/UEM
Bloco M05, sala 01
Av. Colombo, 5790
Cep 87020-900
Maringá-PR

Recebido em:

22/05/2016

Aprovado em:

25/07/2016